

BERNARDO GUTIÉRREZ

*Ativistas com mentalidade hacker. Ideologia preparada em Rede. Nós independentes e interconectados. Sem hierarquias nem líderes. Inteligência coletiva em tempo real. O Anonymous revolucionou o planeta com seu ataque antissistema e seus métodos subterrâneos. E o Anonymous, uma nova identidade coletiva, libertária e solidária, continuará dando o que falar. Mas quem se esconde atrás do ícone do Anonymous, a máscara branca inspirada em um anarquista inglês do século XVII?*

No final de janeiro do ano de 2008, um vídeo aparentemente irrelevante foi publicado na plataforma YouTube. Em *Message to Scientology* (1), montagem de apenas dois minutos, um até então pouco conhecido coletivo autodenominado *Anonymous* declarava guerra à Igreja da Cientologia. Com um fundo de nimbos negros transitando em câmera rápida pelo céu, uma voz neutra e metálica ia argumentando uma declaração que parecia bélica: “Ao longo dos anos estivemos observando vocês. O Anonymous decidiu que a sua organização deve ser destruída”. Ao final do misterioso vídeo, com os nimbos acelerados sobre uma cidade, são pronunciadas cinco frases que passaram para a história: “O conhecimento é livre. Somos o Anonymous. Somos legião. Não perdoamos. Não esquecemos. Esperem por nós”.

O vídeo não nasceu de um dia para o outro. Não era uma criação espontânea. O vídeo no qual pela primeira vez na história o Anonymous fez a sua aparição era uma reação a uma série de fatos. Em janeiro, a Igreja da Cientologia havia pedido ao YouTube a retirada de um vídeo com uma entrevista de

um membro ilustre (Tom Cruise), por violação de *copyright*. A defesa radical do *copyright* em um território teoricamente coletivo, YouTube, enfureceu muitos internautas. E o Anonymous – que ainda não era mais do que uma palavra – não demorou em lançar uma série de ataques cibernéticos contra a Igreja. Nascia o seu projeto *Chanalogy*. Em dois de fevereiro de 2008, algumas dezenas de pessoas se reuniram na porta da sede da Igreja da Cientologia de Orlando (Flórida).

E em dez de fevereiro, o Anonymous fez a sua primeira grande aparição pública: milhares de pessoas, em noventa e três cidades do mundo, protestando contra a Igreja da Cientologia. Um detalhe que passou quase despercebido então: os manifestantes escondiam o seu rosto sob a máscara branca do personagem V do filme *V de Vingança* (2), produzido pelos irmãos Wachowski em 2006. Uma máscara branca, misteriosa, com feições de carnaval veneziano.

Quem estava por trás de todas essas máscaras inspiradas no controverso Guy Fawkes, um britânico que em 1605 tentou explodir o parlamento de Londres? Por que o Anonymous se inspirava em *V de Vingança*, a novela gráfica de Alan Moore – depois adaptada para o cinema – na qual o personagem V tenta empurrar a sociedade para o anarquismo? Em que se parece a Inglaterra da novela gráfica, que após uma guerra nuclear cai nas mãos de um partido fascista, com os Estados Unidos de fevereiro de 2008? Que pontes havia entre o pensamento libertário do personagem V e a defesa da liberdade de expressão do projeto Chanalogy? Suspeitavam então os membros do Anonymous que quatro anos depois atacariam ciberneticamente a Sony, a Mastercard, o Governo da Tunísia, a Sociedade Geral de Autores Espanhola (SGAE), o Governo de Israel, o FBI ou a Telefónica, entre um longuíssimo et cetera? O que é exatamente o Anonymous? Um grupo de protesto? Uma comunidade de hackers? Ou a soma de ambos, um coletivo *hacktivista*? Ou nada do anterior? Como, quando e onde havia nascido o Anonymous?

Primeiro erro: limitar-se a descrever o Anonymous como um grupinho descentralizado de mascarados que lutam por objetivos concretos. Antes de falar em ‘grupo’, deve-se esclarecer a etimologia “anonymous”. Por volta do ano de 2004, o termo “anonymous” se popularizou em *imageboards* (quadros de imagens) como *4chan.org*. Os usuários que deixavam um comentário sem se identificar apareciam como *anon* (forced anon, segundo a polícia). Muitas pessoas brincavam, como se Anon fosse uma pessoa. Tanto que o Anonymous se transformou rapidamente em um meme, (termo que significa uma “tendência” ou “fenômeno” forjado na Internet). O Anonymous, antes de ser grupo ou coletivo, foi uma consciência coletiva. A primeira

grande consciência coletiva da era da Internet. Um heterogêneo supracérebro formado por milhares de neurônios desconhecidos entre si com escassa ou nula relação.

O pesquisador brasileiro Murilo Machado, em um artigo no *Le Monde Diplomatique Brasil*, fez uma interessante apreciação (3): “É importante destacar que o “Anonymous” não é propriamente um grupo ou um conjunto formal e unificado de indivíduos, mas sim uma ideia heterogênea e disforme com a qual compactuam hackers, ativistas, estudantes, intelectuais e profissionais das mais variadas áreas”.

Segundo erro: identificar no Anonymous alguns ideais claros e acreditar que os mesmos eram perseguidos com seriedade desde o início. A narrativa das mensagens do Anonymous dos últimos tempos – solene, apocalíptica, redonda, cinematográfica – (4) pode levar a engano. O fenômeno Anonymous foi forjado com irreverência, humor e informalidade na *Encyclopædia Dramatica* (5), um *wiki* lançado no final do ano de 2004. Aqui se esconde um grande segredo sobre o Anonymous. A *Encyclopædia Dramatica* é um *wiki*, uma ferramenta-site elaborada coletivamente, que permite a criação de entradas com processos não hierárquicos e *bottom up* (de baixo para cima). Em um *wiki* qualquer usuário pode criar uma entrada. Qualquer um pode corrigi-la, reescrevê-la. O resultado final de cada texto é uma espécie de consenso da multidão. O resultado de qualquer *wiki* – onde a Wikipédia é seu maior exemplo - se baseia no que Pierre Levy denomina inteligência coletiva: “é uma inteligência repartida em diversas partes, valorizada constantemente, coordenada em tempo real, que conduz a uma mobilização efetiva das competências”.

Ainda que o conceito inteligência coletiva já tivesse sido usado por pensadores como William Morton Wheeler ou Émile Durkheim no início do século XX, na era da Internet adota novas roupagens. A inteligência coletiva na era digital é em tempo real. Centenas, milhares, milhões de pessoas conectadas simultaneamente gerando superestruturas, fluxos, ações e consciências nunca vistas. O Anonymous é, talvez, a primeira forma de uma identidade coletiva em tempo real, em beta (inacabada), mutante e imprevisível de uma nova era.

A *Encyclopædia Dramatica*, que chegou a ser definida como um irmão gêmeo diabólico da Wikipédia ou como uma máquina de ódio (Fox News), se transformou no verdadeiro berço do Anonymous. Assim descrevia então a revista *Wired* a *Encyclopædia Dramatica*: “um lugar onde nasceu o vasto universo paralelo de brincadeiras internas do Anonymous, frases feitas e obsessões é carinhosamente anotado”. *Trolling culture* em estado puro. Ideia e re-mistu-

ra. Frase + contrafrase. Parágrafo + ironia sarcástica despedaçando qualquer indício de cordura ou raciocínio. A Encyclopædia Dramatica se transformou em um mundo paralelo de identidades falsas, sem censura nem hierarquias, onde todas as vozes tinham o mesmo peso. Uma caverna cheia de ecos onde era literalmente impossível distinguir realidade de ficção, verdades de boatos. E pouco a pouco começou a diáspora, a emigração, a polinização dos Anonymous. Os foros de usuários da Encyclopædia Dramatica foram emigrando para canais de chat privados do popular IRC (*Internet Relay Chat*). E enquanto isso o eclético meme Anonymous, simplesmente, se divertia.

O Anonymous – supraconsciência, identidade coletiva ou grupo – participou intensamente da elaboração das irreverentes *The rules of Internet*, umas wiki-normas irônicas redigidas coletivamente. Vale a pena ler com calma estas leis da Internet para identificar algumas das marcas de identidade do que, alguns anos depois, o mundo conheceria como grupo ou coletivo Anonymous: Somos o Anonymous (regra 3), Anonymous é legião (4) ou o conteúdo original é original apenas alguns segundos antes de se tornar velho (21). Também estão presentes: o descontentamento com o mundo (416. I CAN GET NO... SATISFACTION!), a desconfiança das explicações oficiais (42.5. Nada é sagrado. 2012. A ciência não existe. Deus não existe. Só Chuck Norris existe) ou o pessimismo (413. O mundo acabará com uma chuva de meteoritos).

O curioso é que algum “anon”, continuando pela trilha da ironia, da imperfeição e do processo coletivo, escreveu uma continuação das referidas regras: as novas “unofficial official”. Regras essas que sintetizavam as anteriores e colocavam um pouco de ordem. De todas elas, poderíamos destacar uma regra, por sua especial importância no universo Anonymous: “os políticos não podem ditar regras”, porque a “Internet é para as pessoas e para as pessoas”. A comparação com a *Declaração de independência do ciberespaço* (7) que a Electronic Frontier Foundation lançou em 8 de fevereiro de 1996, na cidade suíça de Davos, é inevitável. A declaração desta fundação, liderada por John Perry Barlow, ex-integrante da banda Grateful Death, é um verdadeiro clássico do ciberespaço:

“Governos do Mundo Industrial, vocês, cansados gigantes de carne e aço, venho do Ciberespaço, a nova morada da Mente. Em nome do futuro, peço a vocês do passado que nos deixem em paz. Não são bem-vindos entre nós. Não exercem nenhuma soberania sobre o lugar onde nos reunimos. Não elegemos nenhum governo, nem pretendemos ter um. De-

claro o espaço social global que estamos construindo independente por natureza das tiranias que tentam nos impor. (...) Não têm nenhum direito moral de nos governar nem possuem métodos que devamos temer verdadeiramente para nos fazer cumprir a sua lei. Os governos derivam seus justos poderes do consentimento dos que são governados. Vocês não pediram nem receberam o nosso. Não convidamos vocês. Não nos conhecem, nem conhecem o nosso mundo. O Ciberespaço não se encontra dentro de suas fronteiras. Não pensem que podem construí-lo, como se fosse um projeto público de construção. Não podem (...).”

Tanto nas regras como nas novas regras da Internet preparadas pelo Anonymous havia uma referência constante à liberdade da Internet: tudo o que é bom é um vírus (181), a Internet não tem limites (regra 8.8.), tudo pode ser descarregado grátis na Internet (181). Entretanto, há diferenças claríssimas entre a *Declaração de independência do ciberespaço* e as “*unofficial official rules of the Internet*”. A declaração de independência foi lançada por uma instituição conhecida, que ainda que defendesse princípios alternativos e libertários, tinha uma estrutura jurídica concreta e pessoas reconhecidas em seu seio. A declaração foi lançada de cima, com certo formato de manifesto clássico. As “*unofficial official rules of the Internet*”, pelo contrário, nasceram como processo compartilhado, como divertimento, sem nenhuma pretensão. As “*unofficial official rules of the Internet*” são o fruto do que Steven Johnson denomina um sistema complexo, termo que popularizou em seu livro *Emergência. O que têm em comum formigas, neurônios, cidades e software* (2001) (8). A entrada da Wikipédia de ‘sistema complexo’ (9) definiria muito bem a comunidade que forjou as ‘unofficial rules’ e por extensão o Anonymous:

“Um sistema complexo é composto por várias partes interconectadas ou entrelaçadas cujos vínculos criam informação adicional não visível antes pelo observador. Como resultado das interações entre elementos, surgem propriedades novas que não podem ser explicadas a partir das propriedades dos elementos isolados. As referidas propriedades são denominadas propriedades emergentes”.

Mas para compreender completamente o novo paradigma deste sistema autogovernado que entendemos como Anonymous, é preciso ler a definição da Wikipédia de ‘sistema emergente’ (10), também popularizada por Steven Johnson:

“Sistemas emergentes são sistemas complexos de adaptação que demonstram comportamentos emergentes. Caracterizam-se por resolver problemas, pelo menos em aparência, espontaneamente; isto é, sem recorrer a uma inteligência de tipo centralizado ou hierarquizado (descendente), mas sim de forma ascendente, desde a base, a partir de massas de elementos relativamente não inteligentes. O comportamento separado, individual, de cada um dos agentes, ao aumentar a escala começa a produzir um comportamento coletivo próprio de um nível de organização superior, apesar da aparente carência de organização em forma de leis ou instruções provenientes de uma autoridade superior”.

Mas como o Anonymous evoluiu de supraconsciência, meme, fenômeno da Internet ou sistema emergente para um grupo organizado, com nós distribuídos por todo o planeta, altamente politizado que prega contra a classe política da Tunísia, México, Estados Unidos, Espanha ou Israel? É difícil acreditar na sua evolução, pois as primeiras ações do Anonymous foram lúdicas e um pouco *naifs*. Só abraçando a imprevisibilidade dos sistemas emergentes, a certeza de que nunca saberemos o que acontecerá quando um sistema complexo entra em ação, podemos vislumbrar algo. A crise global politizou os Anonymous. No ano de 2006, ocorreu uma fiscalização em Habbo, uma rede social muito popular projetada como um hotel virtual. Membros do Anonymous com um *avatar* (imagem no mundo virtual) de pele negra e cabelo afro bloquearam o acesso à piscina, alegando que tinha AIDS (a inspiração foi um fato real, uma piscina de Alabama que proibiu a entrada de uma criança de dois anos com AIDS). Quando Habbo proibiu a entrada dos avatares negros, o Anonymous denunciou racismo. “We did it for the lulz” (fizemos isso para nos divertir na gíria Anonymous) se transformou em uma pedra filosofal inicial do movimento. No princípio, primava o lúdico nas ações do Anonymous.

Mas pouco a pouco, o componente político e social se tornou mais presente. No final de 2006, indivíduos que se definiam como Anonymous derubaram a web de Hal Hunter, um locutor de rádio declaradamente racista e xenófobo. Mas talvez seja a prisão do pedófilo Chris Forcand a ação que pela primeira vez pôs o Anonymous à mostra. O canadense Chris Forcand foi preso graças à cooperação de “vigilantes da Internet”, membros do Anonymous, que enviaram provas de tentativa de assédio à polícia. Um sistema complexo, distribuído, com uma consciência própria estava nascendo.

Terceiro erro: pensar que há objetivos compartilhados por uma maioria dos membros do Anonymous e pensar que são sempre as mesmas pessoas

que atuam. Talvez por isso, em algumas entrevistas concedidas aos meios de comunicação, os membros do Anonymous insistem em uma definição que o jornalista americano Chris Landers fez em abril de 2008: “O Anonymous é um grupo, no sentido de que um bando de aves é um grupo. Por que sabem que são um grupo? Porque viajam na mesma direção. Em um dado momento, mais aves podem se juntar, ir ou mudar completamente de rumo”.

E aqui chegamos a um conceito chave para entender o Anonymous, o hacktivismo e a nova era de multidões conectadas: o enxame. Em 1994, Kevin Kelly, fundador da revista *Wired*, publicou um livro que teria um forte impacto até o dia de hoje: *Out of Control: The New Biology of Machines, Social Systems and the Economic World* (11). No livro, Kevin estudou o comportamento das abelhas (entre outros insetos), de alguns micro-organismos e de animais para tentar entender melhor o funcionamento do novo mundo digital. Pela primeira vez, a palavra enxame se aplicava a algo diferente. Kevin Kelly enredou o termo/conceito de enxame com as redes, os sistemas complexos ou os “sistemas vivos”. E chegou a algumas conclusões interessantes para definir um novo tipo de sociedade conectada:

“Em termos organizacionais, está formado por milhares de membros autônomos. Estes membros autônomos estão altamente conectados entre eles, mas não a um eixo central. E como não existe um centro de controle, a gestão e o cerne do sistema estão distribuídos de modo descentralizado, é a forma como funcionam as colmeias”.

Além disso, Kevin Kelly, sobressaltado por esta improbabilidade de definir e explicar a totalidade de um sistema complexo (um termo já usado em *Out of Control*) encontrou os padrões básicos de funcionamento de um enxame:

- 1) Ausência de um controle centralizado e imposto
- 2) A natureza autônoma de suas subunidades
- 3) A alta interconectividade de suas subunidades
- 4) A causalidade não linear de pares influenciando seus pares

Anonymous é um enxame. Um enxame distribuído. Um enxame extremamente interconectado. Um enxame sem abelha rainha. Um enxame que se comporta com uma inteligência coletiva em tempo real, regido por conexões tênues e por valores éticos sólidos. Um enxame imprevisível:  $2+2=5$ , costumava dizer Kevin Kelly. *More is always different*. 2 nós de Anonymous+2 nós de Anonymous podem ser qualquer coisa. No entanto, o resultado das somas de

forças e nós quase nunca saem da trilha da liberdade da Internet, da transparência, solidariedade mútua e união transnacional de pessoas.

Aliás, quando um usuário entra nos foros de Anonymous como *Whyweprotest.net* (12), tem que ler instruções de uso muito claras. As normas de *Whyweprotest* incentivam o cumprimento da legalidade. Existem também regras claras em caso de manifestações de rua: “Não à violência, às armas, ao grafite e ao vandalismo”. A irrupção de Anonymous no cenário do ativismo marcou um *antes* e um *depois* nas lutas sociais. Após Anonymous, a resistência pacífica voltou a ser uma tendência em muitos países do mundo. É um dos principais princípios do movimento 15M (Indignados) de Espanha e do Occupy Wall Street.

Outro detalhe fundamental das normas internas dos fóruns e da história de Anonymous: “Ser anônimo é “uma forma de comunicar e promover a mudança social”. O anonimato, um dos grandes instrumentos dos movimentos “hacktivistas”, bate de frente com as intenções de companhias como Facebook, que pretendem eliminar a possibilidade de se permanecer anônimo na Internet. O mercado e os governos que têm a intenção de controlar a Internet ainda não entenderam que o anonimato é uma das principais características da era da rede. O anonimato abre a porta para a existência do enxame, a identidade coletiva. O internauta é mais um elo da corrente imprevisível de curadores, usuários, gestores, comentaristas, criadores e “remixadores”. Qualquer pessoa que crie algo – conteúdo, uma obra de arte, uma ação – é parte de uma identidade coletiva mais ampla. Paradoxo: a identidade individual pode estar composta de retalhos de diferentes identidades coletivas. E é justamente porque a identidade coletiva não é totalitária nem absoluta. O vínculo com uma identidade coletiva é muito mais flexível do que a militância em um partido político ou em um sindicato, do que o pertencimento a uma religião ou à torcida de um time de futebol. A flexibilidade é a força do enxame. O fato de poder sair do enxame ou do bando de pássaros quando se quer garante a unidade. E outro paradoxo: o anonimato gera uma identidade coletiva icônica que pode chegar a ser pop. Uma identidade coletiva resumida em um ícone que se torna um quase-indivíduo.

Vale a pena fazer um breve repasso da famosa máscara que identifica os membros ou simpatizantes de Anonymous. A máscara apareceu no filme *V de Vingança*, dirigido por James McTeigue e produzido por os irmãos Larry e Andy Wachowski. O filme esteve inspirado em um romance gráfico escrito por Alan Moore. O personagem V do romance gráfico *V de Vingança* é diretamente inspirado em Guy Fawkes, um conspirador católico inglês que tentou

explodir o Parlamento britânico no ano 1605. Guido Fawkes, como era conhecido, havia lutado no exército católico espanhol contra o protestantismo nos Países Baixos. Guy participou da chamada Conspiração da pólvora para assassinar o rei Jacobo I e todos os parlamentares que perseguiram o catolicismo no Reino Unido. Guy foi preso no dia 5 de novembro de 1605. Não delatou os cúmplices e foi executado. No entanto, o personagem V do romance gráfico *V de Vingança* é uma mutação anarquista de Guy Fawkes. V questiona o estado totalitário e reivindica a anarquia. O componente anárquico era tão importante que quando a adaptação cinematográfica decidiu omitir esse detalhe Alan Moore saiu do projeto e atacou os irmãos Wachowski. A máscara, porém, tornou-se um ícone global. Um ícone que representa uma identidade coletiva subterrânea, distribuída e hiperconectada. Um ‘supra-eu’ que ganha uma força inesperada.

Gabriella Coleman (13), uma das pesquisadoras que dedicou mais tempo ao Anonymous, destaca alguns pontos diretamente relacionados com a identidade coletiva: “Para entender as dinâmicas de poder e autoridade do grupo Anonymous, devemos encarar uma das regras mais interessantes e socialmente vibrantes normas de Anonymous: sua ética anti-líder e anti-celebridade. Esta ética modula a concentração de poder. Anonymous contribui com o que Mike Wesch descreveu como “uma crítica mordaz do culto pós-moderno da celebridade, individualismo e identidade, enquanto faz o seu próprio funcionamento com uma alternativa invertida”.

Cada cinco de novembro é comemorado o dia de Guy Fawkes. No dia 5 de novembro de 2012, uma multidão rodeou o Parlamento em Londres. Uma prova de até que ponto o complexo sistema Anonymous, o surgimento de seus nós conectados, a comunicação em tempo real desta inteligência coletiva icônica é totalmente imprevisível. Até onde vai chegar o Anonymous? Será que a identidade Anonymous será diluída em outras identidades novas? Será que a independência dos nós vai pôr em perigo a superestrutura flexível e dinâmica de Anonymous? Surgirão dissidências internas? Haverá *forks* (que significa desvio na gíria hacker)?

O caso do Anonymous Brasil traz algumas nuances que apontam, mas não são respostas, para essas interrogações. No Brasil, a eclosão do Anonymous data da #OpPayBack, no final de 2010, uma onda de protestos em defesa de Wikileaks, que derrubou muitos sites, entre eles os de Visa e Mastercard. Inicialmente, outros grupos hacktivistas, como o LulzSecBrasil, receberam mal o braço brasileiro do Anonymous. Chegou a haver, inclusive, um contraditório ataque de nacionalismo cruzado. Surgiram acusações de colonização contra o

Anonymous, pouco coerentes com o espírito internacionalista do movimento. E como se não bastasse, uma guerra interna do Anonymous Brasil agitou durante o segundo semestre de 2011 os fóruns brasileiros. No entanto, aos poucos, a guerra interna hacktivista que estava sendo forjada no fórum *What is the plan* (que não funciona mais) (14), desembocou na convivência de duas facções. Uma facção mais inclusiva, evangelizadora e dialogante e outra mais invasiva, que conta com a participação somente de hackers. Capitaneada, em palavras de Murilo Machado, “por *iPirates* e *AntiSecBrTeam*, suas ações são majoritariamente pautadas por um hacktivismo intrusivo – desde a interceptação de mensagens até ataques distribuídos de negação de serviço (DDoS)”. O diálogo entre os hacktivistas brasileiros foi crescendo em fóruns como The Agora Project (15) e até mesmo em grupos do Facebook, como por exemplo o *Free Dominfo Network* (16)

Para surpresa de muitos, LulzSecBrasil anunciou publicamente a sua retirada. E muitos de seus membros se incorporaram ao enxame flexível de Anonymous, no qual convivem grupos e facções muito diferentes entre si. Vale a pena citar uma frase que aparece em uma *bookmark* chamada *What is the plan* em N-1.cc (17), uma rede livre que pertence ao projeto Lorea:

“Mais uma vez, Anonymous não é um grupo nem entidade. Não é você, nem sou eu, nem qualquer indivíduo concreto. Anonymous é uma ideia. Aqueles que se identificam com o Anonymous compartilham uma ideia comum de liberdade e de um mundo livre de opressão. Qualquer coisa que se interpõe entre as pessoas e essas liberdades acabando virando um alvo de protestos.”

E como o Anonymous procura objetivos? Quais as ferramentas e/ou métodos que utiliza? Por que a polícia constantemente os define como criminosos? Anonymous utiliza o denominado ataque Ddos (Distributed Denial of Service), no qual muitas pessoas acessam ao mesmo tempo um servidor, desde pontos diferentes, e o bloqueiam. O aplicativo mais usado na história do Anonymous se chama *Low Orbit in Canon*. Cada usuário faz o download em seu computador e multiplica o número de petições de acesso a determinado site. Richard Stallman, um dos pais da Internet e fundador da Free Software Foundation, afirmou em um artigo que *Low Orbit in Canon* é absolutamente legal: “São o equivalente na Internet a uma passeata na rua”. “Não são hackers (uso de astúcia informática) nem são *crackers* (invasão de sistemas de segurança). Os ciber-manifestantes do Anonymous entram pela porta da frente de um

site, que simplesmente não aguenta tantas visitas”, afirma Ricchard Stallman. O renomado informático norte-americano vai além: “nem sequer é correto chamá-los de ataques Ddos, feitos normalmente através de computadores zumbis (de outros usuários, geralmente por meio de vírus)”.

Anonymous, simplesmente, é uma legião. Milhares, milhões de pessoas, organizadas em rede, entrando ao mesmo tempo em uma página web. Foi assim que fizeram para atacar a Igreja da Cientologia. Ou durante a operação PayBack, quando atacaram as páginas de Mastercard, Amazon, PayPal, MasterCard, Visa e o banco suíço PostFinance, em represália ao bloqueio de contas da organização Wikileaks. E repetiram a mesma ação, todos ao mesmo tempo, de modo descentralizado, quando bloquearam, no fim de dezembro de 2010 os sites do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), da Sociedade Geral de Autores de Espanha (SGAE), do Congresso e do Ministério de Cultura, como forma de protesto contra a Lei Sinde que recorta os direitos dos internautas. Também foi assim que derrubaram o site do FBI, em janeiro de 2012, para protestar contra o fechamento do MegaUpload.

Existe, porém, uma linha tênue que vai além dos ataques Ddos e das cybermanifestações. Algumas vezes, Anonymous torna públicas informações ocultas. Foi o que aconteceu quando uniu forças com a organização WikiLeaks para revelar os emails e mensagens particulares de membros da agência de espionagem Stratfor, financiada com dinheiro público norte-americano. Neste caso, como a informação era relevante para o mundo inteiro, Governos e opinião pública, a ideia era que Anonymous estaria incentivando a transparência. Em outras situações, porém, Anonymous revela dados pessoais de pessoas concretas, como aconteceu em novembro de 2012 durante os ataques israelitas à faixa de Gaza, quando Anonymous divulgou e-mails e dados de integrantes dos Governos dos Estados Unidos e de Israel.

Mas por que o poder fático associa automaticamente o Anonymous com hackers, crackers e chega até a defini-los como ciber-terroristas? Por que quando a polícia espanhola prendeu em 2011 três membros do Anonymous em Barcelona, Alicante e Almeria, respectivamente, afirmou ter desativado a cúpula do movimento? Por um lado, por desconhecimento do que são *As regras da Internet*, daquele “vasto universo paralelo”, de suas ideias e conceitos. Mas talvez seja o medo da última guinada política de Anonymous que esteja desconcertando e amedrontando o poder ao mesmo tempo. Se a Igreja da Cientologia levou pela primeira vez os Anonymous mascarados às ruas, a perseguição contra a organização Wikileaks e o assédio policial contra o líder,

Julian Assange, fez renascer o movimento com uma força inusitada. Se no começo, era diversão, no final, chegou a política. Se no princípio, primava o aspecto lúdico, no fim os Anonymous participaram de modo muito ativo do 15M na Espanha, da Global Revolution e de Occupy Wall Street.

Quase todos os Anonymous abraçam as bandeiras da transparência, liberdade de expressão e liberdade na Internet. Lançar a operação Tunísia (janeiro de 2011) em favor dos rebeldes, bloquear os sites do Ministério da Informação do Egito e do ditador Hosni Mubarak (fevereiro de 2011) ou derrubar páginas web do *lobby* israelense, em represália pelos ataques à Palestina (novembro de 2012) são consequências lógicas de princípios simples, agregadores e contundentes.

Basta dar uma olhada nos fóruns do Anonymous para entender a vertigem/medo da classe política. No dia 20 de março de 2011, em um fórum do Anonymous Espanha, um usuário apelidado de IIXMMI lançava ideias de Democracia Real Ya, o coletivo que convocou a manifestação multitudinária do dia 15 de maio na Espanha, que viria a desencadear uma explosão revolucionária, com praças ocupadas, e à *Global Revolution*. O grito, “não somos mercadoria em mãos de políticos e banqueiros”, slogan de Democracia Real Ya, começou a se espalhar como pólvora dentro do fórum. Um integrante identificado como Anonymous replicou: “Excelente contribuição!”. Alguns dias depois, arrancou a Operação V de Votações que empapelou as ruas da Espanha com cartazes contra o PSOE e o PP, os dois principais partidos políticos, y que acabaria desembocando na chamada *Spanishrevolution*, um dos maiores acontecimentos tecno-políticos do novo século.

O que move o Anonymous? O que direciona esse comportamento? Diálogo plano, sem hierarquias, espontâneo, descentralizado, autônomo, coletivo. Transparência. Liberdade. Ideias compartilhadas que se expandem em ritmo vertiginoso. E que nos últimos anos têm deixado o mundo em estado de choque com suas múltiplas campanhas: contra a Ley Lleras da Colômbia (direito de Internet), Operação Tequila (contra a censura na imprensa mexicana), Operação Tormenta del Sur no Chile (contra a construção de mega-represas), contra ACTA ou PIPA (leis que visam controlar a Internet), contra a espionagem industrial com dinheiro público de Stratfor, contra os ataques israelenses a Gaza...

Para onde vai o Anonymous? Resistirá no seu atual formato flexível, coletivo e anônimo? Chegarão a existir grupos violentos dentro do enxame? Como será que vai evoluir o sistema complexo, emergente, de milhões de nós se

entrelaçando cada vez mais? Nem os integrantes mais ativos do Anonymous sabem o que acontecerá. É parte do jogo. É parte da marca Anonymous.

É certo, porém, que algumas das operações (como o ataque à Sony e ao site da Playstation), algumas evidências de hierarquização em determinados lugares ou a existência de uma facção violenta (Anonops) vêm semeando certas dúvidas a respeito da pacífica legião dos Anonymous. Mas o nascimento de LocalLeaks, um site para incitar a transparência inspirado em Wikileaks, fundado pelo People's Liberation Front e apoiado pelo Anonymous, faz vislumbrar mudanças imprevisíveis naqueles jovens que acreditavam mais em Chuck Norris do que em Deus.

Talvez Anonymous, para permanecer fiel ao seu espírito, precise apenas ser precavido com suas próprias “unofficial official” regras da Internet: “Tudo aquilo que pode ser rotulado pode ser odiado (18)”. Ainda que, chegados a esse ponto, se Anonymous começar a funcionar como uma marca ou coletivo clássico, talvez seja necessário apenas aplicar a lei 11 (É o fim do mundo). E, se for assim, talvez baste apenas começar tudo de novo. Após o “Somos Anonymus, somos legião”, ficamos com uma única certeza: na era da rede, 2+2 nunca é igual a quatro.

**Bernardo Gutiérrez** é jornalista, escritor, pesquisador de entornos digitais e ativista. Dirige a rede de inovação glocal Futura Media (FuturaMedia.net), baseada em São Paulo mas distribuída em vários países de Europa e América Latina. Bernardo Gutiérrez é uma voz reconhecida na defesa pelo copyleft, a Internet livre e os novos caminhos da tecnopolítica. É o autor do livro #24H, uma obra copyleft que desde a ficção retrata o surgimento do movimento I5M- Indignados da Espanha.

## REFERÊNCIAS

- (1) <http://www.youtube.com/watch?v=JCbKv9yiLiQ>
- (2) [http://pt.wikipedia.org/wiki/V\\_for\\_Vendetta](http://pt.wikipedia.org/wiki/V_for_Vendetta)
- (3) <http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3009>
- (4) YoSoy132, mensagem de Anonymous <http://www.youtube.com/watch?v=zZ-dCu-LG50&feature=fvsr>
- (5) [https://encyclopedia.dramatica.se/Main\\_Page](https://encyclopedia.dramatica.se/Main_Page)
- (6) [http://rulesoftheinternet.com/index.php?title=Main\\_Page](http://rulesoftheinternet.com/index.php?title=Main_Page)
- (7) [http://en.wikipedia.org/wiki/A\\_Declaration\\_of\\_the\\_Independence\\_of\\_Cyberspace](http://en.wikipedia.org/wiki/A_Declaration_of_the_Independence_of_Cyberspace)
- (8) [http://books.google.es/books/about/Sistemas\\_Emergentes.html?hl=es&cid=8Jt\\_AAAACAAJ](http://books.google.es/books/about/Sistemas_Emergentes.html?hl=es&cid=8Jt_AAAACAAJ)
- (9) [http://es.wikipedia.org/wiki/Sistema\\_complejo](http://es.wikipedia.org/wiki/Sistema_complejo)
- (10) [http://es.wikipedia.org/wiki/Sistema\\_emergente](http://es.wikipedia.org/wiki/Sistema_emergente)
- (11) <http://www.kk.org/outofcontrol/>
- (12) [WhyWeProtest.net](http://www.whatis-theplan.org/)
- (13) Gabriella Coleman <http://mediacommons.futureofthebook.org/tne/pieces/anonymous-lulz-collective-action>
- (14) [www.whatis-theplan.org/](http://www.whatis-theplan.org/)
- (15) <http://www.theagoraproject.org/page/index.html>
- (16) <http://www.facebook.com/freedominfonetnetwork?ref=ts&fref=ts>
- (17) <https://n-1.cc/bookmarks/read/629022/what-is-the-plan-anonymous>
- (18) <http://wiki.15m.cc/wiki/Portada>

## Publicações anteriores dos Cadernos Adenauer



Potências emergentes e desafios globais  
(n. 2, 2012)

Economia verde (n. 1, 2012)

Caminhos para a sustentabilidade  
(edição especial, 2012)

Municípios e Estados: experiências com  
arranjos cooperativos (n. 4, 2011)

Ética pública e controle da corrupção  
(n. 3, 2011)

O Congresso e o presidencialismo  
de coalizão (n. 2, 2011)

Infraestrutura e desenvolvimento  
(n. 1, 2011)

O Brasil no contexto político regional  
(n. 4, 2010)

Educação política: reflexões e práticas  
democráticas (n. 3, 2010)

Informalidade laboral na América Latina  
(n. 2, 2010)

Reforma do Estado brasileiro:  
perspectivas e desafios (n. 1, 2010)

Amazônia e desenvolvimento sustentável  
(n. 4, 2009)

Sair da crise: Economia Social de  
Mercado e justiça social (n. 3, 2009)

O mundo 20 anos após a queda do  
Muro (n. 2, 2009)

Migração e políticas sociais (n.1, 2009)

Segurança pública (n. 4, 2008)

Governança global (n. 3, 2008)

Política local e as eleições de 2008  
(n. 2, 2008)

20 anos da Constituição Cidadã  
(n. 1, 2008)

A mídia entre regulamentação e  
concentração (n. 4, 2007)

Partidos políticos: quatro continentes  
(n. 3, 2007)

Geração futuro (n. 2, 2007)

União Europeia e Mercosul: dois  
momentos especiais da integração  
regional (n. 1, 2007)

Promessas e esperanças: Eleições na  
América Latina 2006 (n. 4, 2006)

Brasil: o que resta fazer? (n. 3, 2006)

Educação e pobreza na América Latina (n. 2, 2006)

China por toda parte (n. 1, 2006)

Energia: da crise aos conflitos? (n. 4, 2005)

Desarmamento, segurança pública e cultura da paz (n. 03, 2005)

Reforma política: agora vai? (n. 02, 2005)

Reformas na Onu (n. 01, 2005)

Liberdade Religiosa em questão (n. 04, 2004)

Revolução no Campo (n. 03, 2004)

Neopopulismo na América Latina (n. 02, 2004)

Avanços nas Prefeituras: novos caminhos da democracia (n. 01, 2004)

Mundo virtual (n. 06, 2003)

Os intelectuais e a política na América Latina (n. 05, 2003)

Experiências asiáticas: modelo para o Brasil? (n. 04, 2003)

Segurança cidadã e polícia na democracia (n. 03, 2003)

Reformas das políticas econômicas: experiências e alternativas (n. 02, 2003)

Eleições e partidos (n. 01, 2003)

O Terceiro Poder em crise: impasses e saídas (n. 06, 2002)

O Nordeste à procura da sustentabilidade (n. 05, 2002)

Dilemas da Dívida (n. 04, 2002)

Ano eleitoral: tempo para balanço (n. 03, 2002)

Sindicalismo e relações trabalhistas (n. 02, 2002)

Bioética (n. 01, 2002)

As caras da juventude (n. 06, 2001)

Segurança e soberania (n. 05, 2001)

Amazônia: avança o Brasil? (n. 04, 2001)

Burocracia e Reforma do Estado (n. 03, 2001)

União Europeia: transtornos e alcance da integração regional (n. 02, 2001)

A violência do cotidiano (n. 01, 2001)

Os custos da corrupção (n. 10, 2000)

Fé, vida e participação (n. 09, 2000)

Biociência em discussão (n. 08, 2000)

Política externa na América do Sul (n. 07, 2000)

Universidade: panorama e perspectivas (n. 06, 2000)

A Rússia no início da era Putin (n. 05, 2000)

Os municípios e as eleições de 2000 (n. 04, 2000)

Acesso à justiça e cidadania (n. 03, 2000)

O Brasil no cenário internacional (n. 02, 2000)

Pobreza e política social (n. 01, 2000)

---

Para assinar ou adquirir os Cadernos Adenauer, acesse: [www.kas.de/brasil](http://www.kas.de/brasil)